2.ª SERIE. TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 32. QUINTA FEIRA, 17 DE ABRIL DE 1851. 10.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

CHARIDADE—ASSOCIAÇÃO—CLERO.

356 É esta a semana propria para tomar a penna de jornalista com os olhos na Cruz.

A seiva da vida social parece que pára no seu giro regenerador, quando a Egreja veste de lucto os seus altares para representar, na memoria dos povos, a sua gloriosa Redempção. — O espirito alucinado continuamente pelo bolicio do mundo, parece repousar nos braços da Cruz, que alçando-se para o céu como esperança que apontou para o mundo novo, ficou depois para sempre alçada sobre a terra como recordação infinita do Augusto Mysterio de que era instrumento.

Se os membros alquebrados do paralitico retomam vigor á voz de Jesus, se Lazaro se ergue vivo da sepultura em que jaz cadaver, ao som dessa mesma voz, que significa a nova e purificada vida do genero humano, tão bem quando a Egreja tem as suas portas abertas para o arrependimento e para a meditação, o homem não tem forças para fallar a seus irmãos a linguagem dos interesses positivos da vida, e tambem deseja rasgar a mortalha com que a terra o separa do céu, para onde voltou a voz, que accordou Lazaro do somno da morte.

Os eccos da Egreja repetem, por esta fórma nas cerimonias do rito catholico, essa voz que fallou ao paralitico e ao Lazaro.

É para nós um dever de christão, e uma necessidade da alma o não desviar o pensamento do Calvario, que nesta semana está reunindo as adorações da Christandade.

Se a Egreja orphã chora a sua soledade entre a nudez de seus altares e o triste lamento de seus canticos; os christãos ganham muito para a paz do coração e ventura da alma ao abrirem o Evangelho e meditarem no que o apostolado da verdade deixou escripto sobre a doutrina do Divino, do unico Mestre do mundo.

A charidade é o espirito do Evangelho — é a expressão desse amor do proximo que se revela pelo mysterio da Divindade se associar a vida finita e terrestre, para que um dos seus membros morresse por todos, — com o coração ardendo nesse santo e puro amor.

A charidade é a vida de Jesus, desde o berço pobre em que infante adormece sobre palhas — cercado pelas adorações dos pastores — até ao tosco instrumento do suplicio, que os seus perseguidores lhe dão para leito da morte, e aonde chega, depois de ensinar a verdade ao mundo, seguido por discipulos pobres e de obscura e humilde origem.

Roma havendo constituido a *cidade* como um elemento de força e de permanencia, tendo visto os seus Cezares, emprehender a conquista do mundo, não percebe que entre esse pobre berço e esse leito que julgam infamante, está escripto com o sangue de Jesus o preceito da humildade que é a dissolução do poder dessa mesma Roma.

É esse o preceito, que alargando o horisonte do futuro, descobre um novo caminho para a civilisação do mundo.

E é esse tambem o dogma a que nós hoje recorremos, para erguer um brado em favor dos que estão famintos desses fructos abençoados da charidade, que pendem da arvore do Calvario, e que os felizes do mundo devem servir no banquete da vida aos pobres dos bens da fortuna.

Em um paiz catholico a benificencia publica deve, em nome da religião, ser escripta no codigo das leis. Por este facto a benificencia não

se converte em um preceito official; mas é o laço que prende todas as inspirações da charidade particular — é o centro para onde convergem esses brilhantes raios de amor divino, que a educação chistã faz rebentar de todos os corações.

Em virtude destes principios — e das bases em que assenta a organisação social, temos instado para que no Orçamento do Estado appareça uma larga verba para Beneficencia Publica: e essa verba ahi podia apparecer, sem que houvesse augmento do que o povo paga por meios indirectos, e alguns contrarios á moralidade publica. — Sem fallar em outros, reparae só na loteria, calculae a somma do capital que o pobre arremessa a esse sorvedouro — que é como a eschóla official do jogo — do roubo — e da ambição desenfreada: e suppondo que o seu producto, de que se aproveita a beneficencia, é substituido por uma quota proporcional nas contribuições directas, será incontestavel que essa verba augmentada no Orçamento Geral do Estado, representará, não so a economia de muito capital que se desvia de emprego productivo e moralisador, mas tambem representará o acabamento de um trafico revoltante, em que os costumes publicos se corrompem, e os instinctos puros do povo se disvirtuam e se embrutecem.

Não se pense que nós queremos, com uma grossa verba para a beneficencia publica, fomentar os habitos da indolencia, converter a miseria nos quadros officiaes que vivem do Orçamento.

Os principios fecundos da civilisação não se podem, com proveito, desligar da maravilhosa harmonia que os substancia em um só principio — o melhoramento da humanidade, por meio da perfeição dos seus meios de existir.

Para Portugal um Orçamento calculado por estes principios, é um livro de sete sellos. Ainda está por decifrar. E assim ha de ser, em quanto andarmos consumindo a vida na lucta infructifera das paixões, e no desencadeamento das ambições que esterilisam, como correntes de fogo, o paiz — que em logar dessas paixões e ambições exige idéas, que o eduquem — principios que o engrandeçam — dogmas que o moralisem.

Antes da verba da Benificencia publica, é mister escrever uma que represente o dever do Estado para educar o povo em todos os gráos, em que as faculdades intellectuaes carecem para se desinvolver, e as aptidões especiaes para se manifestar: — é mister lançar-lhe em seguida a verba que signifique, que uma boa parte da receita publica se converte em sementeira que dá cento e até mil por um, transformando-se em estradas — canaes e pontes: é mister que o funccionalismo não seja uma fabrica de papel escripto; mas um instrumento que sabiamente possa dirigir o progressivo desenvolvimento da agricultura, das fabricas, e do commercio. Tracem na despeza do Estado o plano desta revolução pacifica e humanitaria, e a receita crescerá para, como a enchente do Nilo, fertilisar os campos, em que o brio nacional se abate — em que a pobresa e o desalento lavram como se fossem a mais fatal das epidemias.

¿ Mas teremos ainda os olhos na cruz com a penna a fugir-nos para o que nos está assaltando o intendimento? — Parece-nos que sim — pois que o quadro das nossas desventuras só póde passar pela imaginação, quando o pensamento abraçado com o symbolo da Redempção se refugia para os confins do futuro, procurando o albor da aurora que deve dissipar as trevas em que o erro se esconde da luz que o mata.

E vendo que os preceitos do Evangelho não são ainda realisados na pratica, como lei constitutiva da terra em que nascemos — para remedio a um só de tantos males, recorreremos ao clero que representa os apostolos que nos legaram o Evangelho e a associação, que foi a segunda arca de alliança dada por Deus aos homens.

A educação que falta, estende os devastados dominios da miseria — as paixões que dominam deslocam as classes da riqueza para a desgraça — a ambição cega a castidade, que se deixa seduzir — a falta de trabalho e de communicações, que o facilitem, abate as faculdades e estreita o circulo das intelligencias.

Só a charidade póde acudir a estes infortunios. Mas para que assim seja, é mister que a charidade se pratique pela associação, e que os successores dos apostolos do Evangelho estejam á frente da propagação desta virtude, que tantos benificios deve espalhar sobre os corações feridos pela desventura e desalentados pela falta de esperança.

O infortunio, lei inevitavel da humanidade, aggravado pelas circumstancias que deixamos apontadas, não se minora como sendo um mal especial de uma só classe ou de um local.

Para esta santa propaganda da charidade a as-

sociação deve ser ampla, sem excepções, e a influencia do clero directa e geral, por toda a parte e para todas as classes.

A França que se tem constituido a capital do mundo civilisado, nos appresenta um exemplo dos meios de alcançar estes resultados, sendo o nome que auctorisa a efficacia de taes meios o de um dos mais respeitaveis prelados da Egreja.

O actual arcebispo de Pariz, digno successor do martyr, que para levar a paz do Evangelho ao centro da guerra das revoluções, não cuidou da vida, que essa mesma guerra lhe levou para a mansão eterna — esse prelado, que está honrando não só a Sé de Pariz, mas todo o orbe christão, fundando a Associação da Charidade na sua diocese — creou um exemplo, que todas as nações devem seguir, e que nós hoje neste periodo em que todos se recordam da Cruz, julgamos dever appresentar, como um dos mais bellos fructos dessa arvore da vida e da salvação eterna.

Esta Associação verdadeiramente christã, em que basta a charidade para ser socio, não é uma instituição acanhada pelo espirito de classe, nem contraria aos preceitos da lei de Christo por excepções odiosas. — Se a charidade está no coração, entrae com uma minima quota para este monte, em que as mãos de todos se encontram, como sendo mãos de irmãos, que vem erguer o infeliz do leito da morte moral de todos os affectos e de todos os sentimentos.

Em cada nação, todos quantos são christãos, todos quantos não carecem do soccorro da Associação, devem e podem fazer parte de tão proficua instituição.

Como se verá da carta do illustre arcebispo de Pariz, dirigida aos parochos da sua diocese, e dos estatutos que juntamente publicamos — esta Associação, sendo tão generica pelo concurso de vontades que a podem formar, não limita no modo de empregar os meios de que dispoem os beneficios da sua acção, estendendo-os em área tão vasta, que obriga os socios a fazerem tristes comparações da miseria, que algumas vezes obrigam o mais esmoler a arrancar o pão das mãos de um pobre, para o darem a outro que se lhe appresenta mais faminto.

A Associação divide a sua acção e os seus meios por freguezias — e é mais um tutor, um guia evangelico do pobre, de que o instrumento de um soccorro momentaneo e occasional, destes que entretem a vida atribulada do moribundo sem o arrancar dos braços da morte. Em logar de uma familia soccorrer muitas — são muitas familias que se juntam para garantirem o soccorro de uma. — A Associação é o amparo de uma familia de infelizes.

Apresentâmos hoje este bello quadro da caridade christã aos olhos dos prelados da egreja lusitana, e mórmente da diocese de Lisboa, porque entendemos que sem que a iniciativa parta do altar, estes grandes pensamentos não se pódem realisar na amplitude quanto a desgraça exige; tencionando ainda insistir na utilidade de transplantar para Portugal a doutrina do Regulamento que vâmos publicar, fazemos votos para que esta Santa Semana seja proveitosa aos pobres, se a obra do respeitavel arcebispo de Paris fôr apresentada e seguida pelos illustres prelados que em Portugal desempenham a evangelica missão, que o virtuoso successor de M. Affre desempenha na França.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

Documentos a que se refere o artigo anterior.

« Louvamos sem reserva os nossos legisladores (diz o digno prelado) porque luctam com perseverante energia contra os males da actualidade. Todavia, e dizemo-lo com profunda convicção, todos esses esforços da caridade legal serão inefficazes, se a caridade particular e christã não accorrer em seu auxilio.

« Só a caridade particular é perfeitamente intelligente; ella está em contacto com a penuria, conhece-a, adapta-se ás precisões, diversifica conforme a diversidade destas; distribue alternativamente o pão que alimenta, o vestuario que agazalha, o remedio que sára, tem enxoval para a creança recemnascida e leite quando se estanca o seio da pobre mãi; aqui se fundam asylos para as mesmas creanças; acolá se abrem outros para abrigo da velhice. Que coisa haverá mais engenhosa, mais fecunda do que a caridade! Nada lhe é estranho, nada se lhe occulta; só ella poderia compensar com as consolações as calamidades. Porque a beneficencia, quando a fé a inspira, não tem sómente mãos intelligentes, tem coração, ama o pobre como irmão, honra-o como a pessoa de Jesus Christo. Não só ministra o soccorro que sustenta o corpo, mas tambem a palavra de amor e de esperança que vivifica a alma. E em cima de tudo isto, só a caridade de que fallamos tem recursos infinitos. Por mais que faça, a beneficencia publica jámais poderá conhecer, ou alliviar todos os soffrimentos. Ainda que se exhaurissem as rendas do estado ficaria muito longe da nobre meta que pertende alcançar! Carece de ser coadjuvada e completada pela caridade particular. Se podesse contar-se tudo o que as mãos da beneficencia verte no regaço da pobresa, causaria assombro a abundancia dos dona-

tivos; poria espanto vêr o perigo que resultaria de atenuar este manancial ou de o seccar. Secca-lo, seria como se deixasse de cahir na terra o orvalho matutino! »

E pouco adiante continua. — « O nosso mais ardente desejo, Sr. Cura, é favorecer, fortificar, sanctificar esta admiravel disposição das almas. E foi este desejo que nos inspirou o pensamento da Associação geral de Caridade da qual vos remettemos hoje os estatutos. Não vamos com este regulamento mudar coisa alguma. Aproveitamos como estão as obras pias geraes e particulares existentes nas parochias; a maior parte são dirigidas com um zelo e pureza de intenções que não deixam que desejar. Mas todos estes elementos andam dispersos, e deviam ser reunidos. Ha bons pensamentos que abortam por não serem apoiados; ha tambem ás vezes tentativas ousadas e que ficam sem resultado por falta de conselho e direcção. A propria caridade é facil de desencaminhar-se, e não ha coisa que mais depressa desanime do que a beneficencia, sobre tudo quando não fôr alentada pela piedade christã.

« Nós queremos proporcionar um intuito pratico, facil de alcançar a todas essas inspirações para o bem, concentrar todos os esforços individuaes, offerecer um centro commum a todas essas obras pias actualmente avulsas, e por esse facto menos poderosas. Queremos dar desenvolvimento ás existentes, e dar origem, sendo preciso, a outras novas: vivica-las todas pelo espirito da fé, fazer circular por toda a parte a seiva da caridade que affiança a sua existencia e vigor neste mundo, e que demais disso as ennobrece e lhes prepara na outra vida recompensas eternas.

« Confio, Sr. Cura, o bom exito da associação geral da caridade primeiramente ao vosso zelo e ao zelo de todos os sacerdotes; mas tambem o confio á piedade dos fieis e á boa vontade de todas as pessoas a quem Deus poz no coração um tanto de amor do proximo. Formemos uma liga santa: beneficencia publica, beneficencia particular, caridade christã, caridade sacerdotal, unamo-nos, e ataquemos por todos os lados esse inimigo que temos á porta, a penuria escoltada da fome e da desesperação. Que vergonha para nós, para esta capital da civilisação, se morresse um só de nossos irmãos em desamparo e desnudez! Nós que somos christãos consideremos sobretudo que todos formamos uma só e a mesma familia. Os pobres são os membros mais nobres dessa familia; Jesus Christo lançou sobre suas miserias o manto real da sua Divindade. Dirijamo-nos a elles, façamos-lhe corte, reputemo-nos felizes e cheios de honras se podermos prestar-lhes serviço, allivial-os, consolal-os. Não dizemos que não somos pobres. Sem duvida que ninguem ha que não tenha sido lesado na sua fazenda, e cujos recursos não estejam bastante diminuidos, mas cumpre contar com o coração e afastar os frios calculos da prudencia humana; cumpre tambem reflectir na Providencia que vigia sobre nós. N'outro tempo davamos do nosso superfluo, hoje tomemos do nosso necessario: ha diversos gráos de necessidade, e a necessidade extrema em que se acham nossos irmãos exige que esqueçamos um tanto as nossas proprias precisões; demais, aquelle que a verdadeira caridade inflamma póde sempre dar; quando não tem oiro, resta-lhe a sua alma, o seu amor; com isto póde ainda fazer aos pobres dons dos mais preciosos.

Possa a minha voz, a voz da nossa religião sagrada que se exprime pela minha boca, chegar a todos os corações; chegar tanto aos ricos como aos pobres, aos que tem fé como aos que não conhecem este thesouro, mas que são homens ao menos e que as miserias humanas acham ainda sensiveis; seja ella ouvida ao longe, além do recinto desta vasta cidade: ouçam-na os estrangeiros para quem é tão hospitaleira esta terra, ouçam-na tambem aquelles de nossos compatriotas e de nossos concidadãos que tambem se acham demorados longe de nossas muralhas; sejam todos comnosco por meio de seus beneficios! Desta maneira luctaremos com vantagem contra as necessidades dolorosas que nos ameaçam, e nos teremos mostrado dignos do nome de homem e do nome de christão.

Peço-vos, Sr. Cura, que á estação façaes a leitura da presente carta bem como do regulamento que a acompanha. Abrireis depois um registo em que sejam inscriptos os nomes dos associados. Serão collocadas á frente deste registo as obras pias da parochia que quizerem enviar delegados á Associação geral que nós formâmos

Acceitae etc. — *M. D. A. Sibour* — Arcebispo de Paris.

Regulamento da Associação Geral de Caridade.

Artigo 1.° Fórma-se em toda a diocese de Paris uma *Associação Geral de Caridade*, que tem por fim:

1.° Coordenar e dilatar a caridade christã.

2.° Reunir todas as obras pias existentes, contribuindo para as apoiar e desenvolver.

Art. 2.° Compõe-se este instituto de Associação, em cada parochia de que será presidente o parocho; e de um conselho geral com sede na cabeça do arcebispado e presidido pelo arcebispo.

Art. 3.° Fazem parte da Associação:

1.° Todos os ecclesiasticos da diocese.

2.° Todas as pessoas que pedirem ser inscriptas na sua parochia para as obras da caridade.

3.° Os membros de outras quaesquer Associações particulares de caridade já existentes e que quizerem afiliar-se á Associação geral para participar das suas boas obras.

Art. 4.° Em cada parochia, no Domingo, que fôr designado, depois do sermão se fará um peditorio a beneficio da Associação parochial. Haverá além disso, segundo é pratica, durante a quaresma, na sé de Nossa Senhora, um sermão de caridade, seguido de egual peditorio.

Art. 5.° Cada parochia, pelo que respeita á Associação de caridade será dividida em secções. Cada uma secção será commettida, pelo parocho presidente, á inspecção especial de um dos associados que formarem parte de uma commissão composta do modo seguinte.

Art. 6.° A Associação é dirigida em cada parochia por uma commissão composta dos seguintes membros:

1.° O cura, presidente.

2.° Os sacerdotes da parochia que tiverem sido

encarregados quer de uma secção, quer de alguma obra pia particular.

3.° Uma irmã da congregação de S. Vicente de Paulo.

4.° Um medico.

5.° Um jurisconsulto.

6.° Uma irmã da congregação das eschólas christãs.

7.° Uma pessoa especialmente encarregada de sollicitar soccorros das administrações publicas.

8.° Um delegado pertencente ás diversas obras pias, quer geraes quer particulares, que existirem na parochia, designado pelo cura. — A mesma pessoa poderá, se preciso fôr, representar muitas obras pias.

Art. 7.° A commissão nomeia do seu gremio um thesoureiro e um secretario, encarregados de tudo o que respeita á contabilidade da Associação.

Art. 8.° A commissão parochial reune-se todos os mezes. Delibera sobre a admissão ou derrisca das pessoas soccorridas, distribue entre as secções e as obras pias os fundos de que dispõem, na proporção das precisões ou dos recursos diligenceia crear e multiplicar, quanto lhe fôr possivel, as instituições de trabalho, de accommodação, de instrucção, e successivamente todas as obras pias uteis aos pobres, e toma todas as medidas necessarias ao desenvolvimento da Associação na parochia.

Art. 9.° Nomeia uma commissão subalterna encarregada da execução das suas decisões e da direcção das suas obras, a qual se reunirá todas as semanas.

Art. 10.° Os recursos da Associação constam:

1.° De uma quota mensal de 50 centimos pelo menos (80 réis), paga pelos membros da Associação.

São dispensadas da quota todas as pessoas que já pertencem a uma obra pia, ou se encarregarem especialmente do soccorro de familias, ou de qualquer outra boa obra indicada pela commissão.

2.° Do producto do peditorio que terá logar no dia da festa da Ascensão.

3.° De uma parte, que será fixada ulteriormente, do producto da esmola por dispensa de comida de carne durante a quaresma.

4.° Dos donativos e offertas que a Associação receber.

5.° A Associação achará tambem recursos na participação dos soccorros publicos, que sollicitará para os pobres, e tambem nas obras pias particulares da parochia quando se tratar de alliviar as miserias especiaes que essas obras pias tem por fim remediar.

Art. 11.° As diversas associações parochiaes são ligadas entre si por um conselho geral, composto desta maneira.

1.° O arcebispo, presidente.

2.° Os vigarios geraes.

3.° Um delegado de cada associação parochial nomeado pela commissão local.

4.° Os presidentes das obras pias geraes designados pelo arcebispo.

5.° Os membros do conselho de administração de que ao diante se fallará.

Art. 12.° Este conselho reune-se todos os mezes. Delibera sobre todas as medidas que convém tomar para o bem geral da Associação, e sobre as instituições que se devem estabelecer em toda a diocese. Ouve, em cada trimestre, os relatorios das commissões cantonaes. Extrahe os seus recursos do cofre das esmólas episcopaes, e serve-se delles para occorrer ás necessidades mais urgentes das parochias mais pobres.

Art. 13.° O conselho geral tem adjunto um conselho de administração, composto de doze membros tanto ecclesiasticos como seculares.

Art. 14.° O conselho de administração é encarregado da execução de todas as providencias que interessam a Associação. Decide todas as questões de caridade que lhe são submettidas pelo arcebispo e pelas commissões parochiaes. Tem a direcção das obras pias (*) geraes fundadas pela Associação, e decide sobre a cooperação que se ha de prestar ás novas.

Art. 15.° Como primeira obra geral e o modo principal de exercitar a caridade christã por meio do trabalho e dos soccorros, a nossa Associação adopta a *obra pia das familias*.

Art. 16.° Esta consiste em collocar debaixo da tutella de certo numero de pessoas bemfasejas uma familia inteira.

Art. 17.° Os bemfeitores da familia a visitam, e ajudam-na com seus conselhos e apoio;

Procuram trabalho para os homens sãos:

Mettem as creanças no asylo, na eschóla, na aprendizagem:

Providenceiam a todas as necessidades urgentes de sustento e vestuario:

Em summa, fazem que a familia adoptada participe, na proporção de suas precisões e faculdades, primeiramente de seus particulares beneficios e depois dos beneficios das outras obras pias.

Art. 18.° Para propagar esta idéia da adopção das familias, rogamos aos ecclesiasticos e a todas as pessoas caridosas que repitam muitas vezes a seguinte observação:

— Formando o numero dos pobres em tempo ordinario a decima parte da população, se dez familias se encarregarem de uma o problema da miseria será resolvido, a humanidade consolada, a religião fortalecida, e salva a sociedade.

DEPRECIAÇÃO DO OIRO.

(Continuado de pag. 364.)

356 Já vimos que não ha que pensar no estabelecimento de uma relação fixa entre os dois metaes preciosos. Seria sahir da verdade e do mesmo modo que repellindo um para adoptar exclusivamente o outro. Dizemos que é necessario admittil-os ambos, mas admittil-os só pelo seu valor corrente, sujeitando sem resistencia ás relações variaveis a que são expostos. Taes são os verdadeiros principios.

Estes principios, ha muito que foram assentados pelos economistas, e não pertendemos dal-os por novidade. Cumpre tão sómente observar que os economistas a que nos referimos, mantendo-se rigorosamente na linha do verdadeiro, tiveram o desaccordo talvez de não cuidarem da applicação, e de não darem a suas

(*) Por estas obras pias tambem se entende uma especie de junta parochial, que em nossas freguezias se denominava — fabrica da egreja.

proposições uma expressão pratica. Queriam por exemplo que o governo se limitasse a determinar o quilate e pezo das peças de moeda, de qualquer metal que fossem, sem lhes dar denominação alguma, e deixando-as tomar logar per si mesmas na circulação pelo seu valor. Nada mais racional e mais satisfactorio em substancia do que um tal projecto; mas, enunciado naquelles termos geraes não corresponde á idéa que por toda a parte voga do emprego da moeda. Parece excluir as denominações usuaes de francos, ou quaesquer outras denominações similhantes, para substituir-lhes de um modo absoluto as indicações sómente do quilate e pezo. Ora essas denominações que tem sido por toda a parte adoptadas, já umas, já outras, são necessarias na pratica, e a indicação do toque e pezo não as suppriria: difficilmente se acostumaria o publico a dizer « *cinco grammos de prata*; e demais disso, se se tratasse de uma indicação exacta para substituir uma appellidação vaga, a expressão *cinco grammos de prata* não bastaria, se não se lhe ajuntasse ao mesmo tempo um correctivo que tivesse por objecto contar com a liga. Nem pensar em tal é bom. Por outro lado, não ha necessidade de renunciar ás denominações usadas, com tanto que se appliquem judiciosamente. A palavra *franco*, bem como a divisão regular em francos, poderão sem inconveniente subsistir em o nosso systema monetario; mas com a condição expressa que não se applicariam rigorosamente se não a um dos dois metaes empregados: e como a prata é o que melhor se presta ás divisões mais usuaes, é á prata que seriam applicadas essas denominações e divisão. Os calculos continuariam a effectuar-se em francos, como no passado, sem desarranjo algum nos habitos adquiridos. O oiro, de menor uso, é que não corresponderia exactamente ás divisões adoptadas; portanto, as peças de oiro poderiam receber denominações differentes, vagas e sem caracter prefixo, como as de soberanos, de guineus, de ducados, de piastras, de pistolas etc., e tomariam logar na circulação pelo seu valor ao cambio do dia.

Attenda-se bem a não confundir isto com uma desmoedação do oiro. Posto que deixasse de corresponder exactamente ás divisões usadas, o oiro não cessaria de ter seu logar na circulação, de ser dado validamente, em pagamento das dividas contrahidas, e, n'uma palavra, de ter um curso regular e legal. Com esta differença, que sendo a prata considerada como o typo dos valores, como o denominador commum, e o ponto de partida dos calculos, o oiro não seria recebido na circulação se não segundo a relação em que se achasse na actualidade com a prata.

Para prevenir melhor a este respeito todo o erro conviria, que o legislador em uma lei nova, tomasse algumas providencias especiaes sobre o assumpto. Ordenaria, por exemplo, que em todos os ajustes contrahidos por particulares os pagamentos podessem ser estipulados indifferentemente, á vontade das partes, quer em oiro, quer em prata: poderia mesmo accrescentar que na falta de condições expressas neste ponto, as obrigações que excedessem uma certa quantia, como 300 ou 500 francos, poderiam effectuar-se em oiro, ao arbitrio do devedor; mas que as quantias menores seriam sempre exigiveis em prata.

Para os pagamentos que devessem realisar-se em oiro, nada impediria em rigor servirem-se, como para os pagamentos em prata, da denominação usual de *francos* que se presta melhor que outras aos calculos extensos. Sómente, ficaria bem entendido que, nesse caso, as peças de oiro não seriam recebidas por tal ou tal valor em francos se não ao cambio do dia. — Mas esse cambio do dia, como é que se estabeleceria e constaria? Nada mais simples. O livre concurso dos dois metaes, sendo uma vez regularmente admittido, conhecer-se-hia todos os dias com exacção o seu valor relativo, como hoje masmo se conhece muito bem. Este valor seria notado diariamente pelos agentes de cambio, e affixado publicamente na bolsa do commercio. Talvez que nem esta precaução fosse necessaria, tanto o uso quotidiano dos dois metaes faria sobresahir claramente para cada um a relação da actualidade. Quando muito, seria a verificação official invocada para regularisação de creditos ventilados judicialmente.

O systema que propomos nos parece o unico racional, o unico verdadeiro, o unico, por consequencia, de que não deve proceder nem perigo, nem inconveniente algum no futuro, e o que é mais notavel, o unico que póde ser adoptado sem produzir complicação alguma no presente.

Propoz-se ao Governo, á vista das actuaes circumstancias, limitar-se a alterar a relação legal dos dois metaes, fixando-a por exemplo em $15\frac{1}{4}$. Perguntamos, a relação de $15\frac{1}{4}$ será mais verdadeira que a de $15\frac{1}{2}$? E dado que seja verdadeira hoje, quem ousará dizer que o será amanhã? É evidente que esta supposta solução nada resolveria, e que seria necessario renova-la frequentemente. Outros requereram que se procedesse quanto antes á desmoedação do oiro. Esta resolução seria mais grave; não faria se não accrescentar mais uma complicação ás actuaes, precipitando novamente a baixa do oiro; e é difficil dizer em que pararia a perturbação produsida. Ao contrario, restituindo ao oiro e á prata o seu devido logar, segundo o modo que temos proposto, seria alliviado o presente quanto póde se-lo, creando-se ao mesmo tempo uma situação perfeitamente normal para o futuro.»

Até aqui as considerações de M. Ch. Coquelin. Para completar este trabalho daremos no proximo n.º a nota que lhe addiccionou o distincto economista Joseph Garnier.

A CHARRUA PORTUGUEZA.

(Carta.)

Sr. Redactor.

357 Apesar da declaração explicita que V. faz no seu jornal de 3 do corrente a respeito da questão sobre a charrua, abalanço-me a pedir-lhe o obsequio de mandar inserir meia duzia de palavras sobre a *justa desaffronta* do Sr. Vidal, a quem seja dito, entre parenthesis, eu nunca pertendi offender.

Disse eu no meu artigo, que ficava com reserva de rasões para argumentar sobre charruas, no caso do Sr. Vidal assim o querer; mas vejo que de certo não quer tratar de charruas, quer outra coisa, quer po-

lemica academica, de que eu confesso não entender, e de que Deus me defenda. De maneira que dou por terminada esta contenda com o Sr. Vidal.

Se este senhor fallasse na materia, eu explicaria o que é a charrua Dufour. Tambem explicaria sobre que especie de charruas faz reflexões Gasparin, se de charruas tratasse o Sr. Vidal na sua *desaffronta*.

A unica novidade que o Sr. Vidal me mandou de Coimbra foi a noticia do projecto de se enviar a nossa charrua á exposição de Londres!! com o tal artigo como *rotulo*: mettida em *rotulos* é que ella precisava ir; era ainda muito mais patriotico.

Sr. Redactor, não quero importunar mais a V., e mesmo entendo que o Sr. Vidal póde ficar inteiramente descançado, que já está bem avaliado em todas as instancias, como pede no seu desaggravo.

Espero, Sr. Redactor, logo que o tempo me sobeje, escrevinhar alguma coisa sobre a introducção das araveças aperfeiçoadas em Portugal, suas applicações etc., mas não em polemicas com o Sr. Vidal de que Deus me ha-de livrar.

Cazal da Barreira 12 de Abril de 1851.

EMILIO DE ROURE AUFFDIENER.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

OS CEZARES E O CHRISTIANISMO.

358 Tracemos um leve bosquejo do seculo dos *Cezares*, (1) dessa épocha memoravel em que rompeu a aurora do christianismo; vejamos qual era a situação dos povos, qual a sua vida e existencia social; sondemos as chagas da humanidade nesse periodo fatal, e no cabo conheceremos o quanto a proposito, humanamente fallando, appareceu em scena a religião de Christo.

Se percorremos as campinas, vemos ao lado de um palacio, magnifico e soberbo de architectura e de luxo, um infeliz escravo com peias aos pés, com as mãos algemadas, com o rosto marcado (2), cultivando a terra que não lhe pertence — a terra que elle rega sim com o seu suor, mas que só produz para um senhor orgulhoso, brutal e feroz.

(1) Lendo ha annos, um bello escripto de M. de Champagny ácerca dos *Cezares* da antiga Roma, deime ao trabalho de coordenar alguns apontamentos sobre a opportunidade da apparição do christianismo no reinado dos Cezares. Esse mesquinho trabalho dou hoje á estampa, tal qual o encontro nos meus papeis, pedindo perdão ao publico por me atrever a tratar um assumpto, que demandaria mais habil penna.

(2) *Impediti pedes, vinctæ manus, inscripti vultus.* (Sen.)

A cultura, alegre e feliz, a santa e risonha vida do lavrador livre, que a poesia exalta, e o philosopho gaba com transportes de jubilo, cedeu o passo a uma tarefa servil, na qual o coração não toma parte.

O pae de familias, patriarcha no meio dos filhos e da consorte, foi substituido pelo servo da gleba, que todas as noites vae dormir em ferros nas subterraneas cellas do *ergastulo*.

Até o espaço que a charrua deveria rasgar se estreitou com os parques dos poderosos, com as *villas* dos cortezãos!

Desfiemos um pouco a condição de um *escravo*; e aqui não é mister conjecturar, basta ler os escriptores da antiguidade. Ide ao *Forum*, e lá vereis comprar um *escravo*, como se compra um animal domestico. Olhae para esse infeliz, prezo ao muro do seu cobiculo, com uma corrente que o toma pela cintura; é um *escravo* daquelles a quem chamavam *Janitor*, os quaes eram vendidos juntamente com as cazas, do mesmo modo que se vendiam com as cazas certos objectos, que a ellas estavam adherentes.

Fitae os olhos nesse malfadado, que n'uma noite de orgia, se conserva em pé, longas horas, em frente da meza de um senhor embriagado; reparae, como treme de ser asperamente castigado por uma palavra, por um surriso que lhe escapem! A esse *escravo* desprezado e vil, o orgulhoso senhor falla por acenos, e até, se a necessidade o pede, por escripto; que recearia o soberbo amo profanar a sua palavra, trocando com elle uma falla suave e branda.

O *escravo* e segundo o direito uma *segunda especie humana*, é uma *coisa*. A lei veda-lhe o casamento e só a generosidade do amo lhe permitte um quase casamento, um concubinato (*contubernium*), e ainda ás vezes á custa do peculio, que elle foi ajuntando á força de economia, se não de privações. Os filhos do *escravo*, ou antes, da concubina, por que a lei não reconhece a paternidade entre *escravos*, são propriedade do amo, como se fossem a cria de animaes domesticos.

Mas o miseravel não póde já soffrer a sua cruel sorte — foge... e incontinente corre sobre elle a sociedade toda, para o fazer voltar ao seu martyrio; é reconduzido á presença do inexoravel senhor, que não tarda em mandal-o marcar com um ferro em braza, para lhe assignalar no corpo a infamadora letra — F.

Quereis saber com que alimento o execrando

« vos, ainda quando elles nasciam dentro de « nossas terras ou das nossas casas, e tomavam *Crassus* engordava as suas *moréas?*... com *escravos* vivos! — Quereis saber qual genero de supplicio infligia *Vidius Pollion* ao *escravo* que lhe quebrava uma taça de cristal?... mandava arremeçal-o ao seu viveiro de peixes!

Que significam essas infames cruzes, sempre levantadas — esses corpos abandonados junto da porta *Esquilina*? advertem seriamente o *escravo*, que não offenda a omnipotencia do senhor...

Mas ao menos se o *escravo* chegar á velhice, se enfermidades incuraveis o impossibilitarem de prestar serviço — guarda-o sem duvida um hospicio, ou a charidade no seio da familia do senhor... Engano; lá estava no meio do Tibre uma ilha onde os abandonavam á graça de Esculapio.

Assim será; mas ao menos os sabios, os virtuosos desse tempo de ferro, hão de aconselhar piedade, e esses conselhos hão de proteger os miserandos *escravos!*... Engano; Catão, o antigo — reputado entre os romanos pelo mais virtuoso dos homens, dava este bom conselho: *Sé poupado: Vende o teu escravo, e o teu cavallo, quando já forem velhos!*

E tudo isto ainda é nada em comparação da realidade. Nós vamos collocar-nos no meio da Roma dos Cezares; ninguem poderá accusar-nos de estarmos fantasiando; ha de fallar por nós o historiador *Tacito*. Ouçamol-o contar um acontecimento dessas eras, e então veremos que o *escravo* da antiguidade era o mais desgraçado de todos os entes da creação. — « Passado pouco « tempo o prefeito de Roma Pedanio Secundo « foi morto por um seu *escravo*,... por que lhe « havia negado a liberdade depois de ter ajus- « tado com elle o seu preço..... Como pelos « costumes antigos *todos os mais escravos*, *que* « *viviam em caza*, *deviam ir ao supplicio*, o « povo começou a interessar-se por tantos inno- « centes, e ajuntando-se em grande numero já « ia principiando uma sedição. Dentro mesmo « do Senado havia differentes pareceres, oppon- « do-se uns a tamanha severidade, mas clamando « o maior numero pela execução inteira das leis. » Entre estes ultimos se ergueu C. Cassio, quando « lhe chegou a sua vez de votar, e fallou desta « fórma:

« — Por muitas vezes, P. C., me tenho achado « nesta assembléa, quando se propunham decre- « tos para reformar as leis e os usos dos nossos « maiores; todavia nunca me oppuz, não por « que duvidasse da superioridade e da maior « excellencia dos antigos regulamentos, e não « estivesse persuadido de que as mudanças são « de ordinario sempre para peior; mas para não « dar a entender que pelo muito aferro aos cos- « tumes antigos eu me queria fazer celebre pela « minha erudição nestas materias. Julgava, além « disto, que não convinha debilitar por contradic- « ções frequentes essa pouca auctoridade que « ainda possa ter o meu voto; e que era justo « mantel-a quanto fosse possivel intacta para a « empregar quando a republica della precisasse. « Neste caso me vejo eu agora: *um consular* « *dentro da propria caza é assassinado por um* « *escravo*, *e nenhum dos outros*, *apesar de estar* « *ainda em vigor o senatusconsulto que condemna* « *todos os mais escravos á morte*, *mostra que* « *haja impedido ou denunciado este crime.* De- « cretae agora, se assim vos parecer a impuni- « dade: mas quem poderá então ter-se daqui em « diante por seguro, fiado nas suas dignidades, « se até o ser prefeito de Roma não poude sal- « var a Pedanio? De que valerá o ter grande « numero de *escravos se no meio de quatrocentos* « foi assassinado Pedanio? E quem de hoje em « diante poderá esperar delle alguma protecção, « se nem o medo dos supplicios e da morte é « hoje bastante para os intessar na conservação « da nossa vida?.....

« .... Supponhamos que agora pela primeira « vez, nós iamos legislar sobre este objecto: é « possivel então que possaes acreditar que a um « *escravo* que medita assassinar o seu senhor, « não escape uma palavra mais aspera, ou um « dito inconsiderado que revele as suas intenções? « Concedamos por um pouco, que o seu proje- « cto era occulto, e que elle preparou o punhal « sem que ninguem o suspeitasse: como forçaria « as guardas? como arrombaria as portas? como « levaria a luz? e como commetteria o assassi- « nio sem que os outros percebessem? São pois « sempre sobejos os indicios que devem annun- « ciar aos mais *escravos* a existencia de um tal « crime. Se fizermos, por consequencia, com « que elles sempre sejam fieis em declara-lo, « poderemos então viver sós entre *escravos* nu- « merosos, e seguros entre *escravos* suspeitos: e « se em fim, ainda apezar disto, acabarmos por « suas mãos, ao menos não seja sem esperan- « ças de vingança. Em todo o tempo os nossos « maiores desconfiaram do caracter dos escra-

« logo com a sua primeira educação amor aos « seus senhores; agora porém que admittimos « entre nós, por assim dizer, todas as nações, « que tem differentes costumes, diversas reli- « giões, ou que talvez não tem nenhuma, como « poderemos reprimir esta numerosa mistura de « gentes, se não fôr pelos estimulos do medo? « Dizem-nos que *morrerão muitos innocentes;* « *estou por isso:* porém quando algum exercito « cobarde volta cara ao inimigo, e todo elle é « dizimado, faz-se por ventura alguma escolha « entre os fracos e os valentes? Todos os gran- « des exemplos sempre trazem comsigo alguma « coisa de injusto para este ou para aquelle par- « ticular; mas são sacrificios necessarios para a « conservação do bem publico.

« Não obstante que ninguem, diz depois Ta- « cito, se atrevesse a contrariar o voto de Cas- « sio, faziam-se ouvir muitas vozes confusas dos « que pediam se tivesse compaixão do numero, « da edade, do sexo, e de uma grande parte, « que sem duvida era innocente. Apesar disto « venceram os que votaram de morte; e só não « se podia executar a sentença por causa da mul- « tidão que ameaçava com pedradas e incendios. « Mas o Cesar reprehendeu o povo por um edi- « cto, e postaram-se tropas por onde os con- « demnados deviam passar para o supplicio. (1)

Eis-aqui pois a ferocidade das leis romanas contra os escravos! Quatrocentas pessoas de differentes sexos e edades, são levadas ao supplicio, unicamente porque uma só d'entre ellas assassinou um consular! Eis-aqui bem evidente o despreso legal das vidas dos *escravos*! Eis-aqui bem palpavel a nullidade da sua importancia politica! E esse povo romano, barbaro e feroz como era, ainda assim teve o instincto da compaixão, para querer salvar centenares de innocentes; neste ponto, muito mais avisado, do que o orgulhoso senador, que sustentou no senado a necessidade da brutal vingança de leis sanguinarias, e do que Nero, que as fez executar pela força!

Este facto que contámos pela boca de Tacito, revela-nos tambem a vida de perigos que viviam os orgulhosos Senhores no meio de uma grande multidão de homens, propriedade sua.... de cem, de mil, muitas vezes de vinte mil escravos. Destes, uns vigiam á entrada dos palacios ou das casas dos opulentos, outros guardam os corredores, os *cubicularii* velam o quarto da cama; quem defenderá porém o Senhor contra as suas proprias guardas?

Já deixámos os escravos, e começámos a entrever a misera sorte dos proprios Senhores. Vamos mais adiante, e apalparemos as chagas que lavravam nesse corpo arruinado e cheio de podridão.

Para pintarmos a depravação do gosto desses tempos, a necessidade insaciavel do luxo e de sensações novas, o delirio no despender riquesas immensas, amontoadas á força de extorsões, de roubos, e das depredações da guerra, a mistura infame da prostituição e de vergonhosas voluptuosidades com os jogos e divertimentos publicos.... para pintarmos tudo isto, bastará copiar aqui outra pagina de Tacito: « Enião Nero « para fazer acreditar o que tinha dito, isto é, « que nada tanto o encantára como o estar no « meio do seu povo, entrou a dar banquetes « em todas as praças publicas e a servir-se de « toda a Roma como se fosse do seu proprio « palacio. E pois que o festim que deu Tigel- « lino foi o mais notavel pela sua celebridade e « grandeza, só farei menção delle, *para não* « *repetir muitas vezes estas prodigalidades enor-* « *mes.* No lago de Aprippa mandou fabricar um « grande navio que era movido por outras em- « barcações, e sobre elle se preparou um sum- « ptuoso banquete. Todas as embarcações eram « entalhadas com oiro e marfim, e tinham a « bordo para remar os moços mais dissolutos da « côrte, classificados segundo as suas edades, e « os talentos mais distinctos na arte infame das « prostituições. Viam-se alli em um só ponto as « aves e os animaes das terras mais distantes, « e até alguns peixes mandados vir do Occeano. « As margens do lago estavam guarnecidas de « muitos lupanares cheios das mais illustres ma- « tronas romanas, que tinham em face mere- « trizes absolutamente núas. Houve danças e « pantomimas as mais escandalosamente obsce- « nas; e tanto que principiou a escurecer, to- « dos os bosques e casas que estavam em volta « entraram a resoar com canticos infinitos, e a « brilhar com a mais bella illuminação. Nero « executou nesta noite todas as abominações « imaginaveis, etc., etc. »

A depravação do gosto era tal, que a luz do dia não tinha valor aos olhos dos devassos poderosos dessas eras; *fastidio et lumen gratuitum;* era mister fazer da noite dia, á custa de des-

(*) Annaes de Tacito, Liv. 14, §§ 42 a 45. — Traducção do Sr. José Liberato.

pendiosas illuminações. —As thermas, as piscinas, os jardins, não basta que sejam estabelecimentos magnificos, é força que sejam edificados em pleno mar, para desafiarem o furor das ondas — plantados sobre o cume das casas, para affigurarem rios e florestas por cima das moradas dos homens. — Era mister que as salas dos banquetes fossem ornadas com riquissimas bibliothecas, de que nem sequer se folheavam os cathalogos: *Libri cœnationum ornamenta... quorum ne indices quidem legunt* (Senec).

Ainda isto não é bastante para demonstrar a horrorosa situação moral da especie humana naquelle periodo. Vêde como a mulher destes nossos tempos representa um formoso papel na scena da vida social! Fixai porém a vossa attenção no papel que ella representava no seculo dos Cesares! A mulher livre dessa malfadada era recebe um marido, repudia-o, torna de novo a recebel-o, conta os annos pelo numero dos esposos; casa, pensando já no divorcio; divorcia-se, pensando já em novo casamento; envergonha-se da sua fecundidade, occulta sobre as pregas do vestido o fardo vulgar do seu ventre, ou lhe dá a morte — sobe ao tablado ou desce á arena.

« Tambem deu (o Cesar) espectaculos de gla-
« diadores, diz Tacito, tão brilhantes e magni-
« ficos como os antecedentes já tinham sido, com
« a torpe circumstancia, porém, que nelles com-
« bateram muitas mulheres illustres, e muitos
« senadores. »

Os seus passos são quasi sempre criminosos e funestos; quando não é escrava ou prostituta, é atrevida e impudente, tem paixões crueis, ademanes e ambição viris; e senão reparae em Livia no tempo de Augusto, em Ceronia no tempo de Caligula, em Agrippina e Messalina no tempo de Claudio, em Popéa no tempo de Nero.

Infelizes tempos! Depois da morte de Agrippina é encontrada nas ruas de Roma, em perfeito abandono, uma creancinha com este rotulo: « Menino exposto com receio de que venha pelo tempo adiante a matar sua mãe. »

Infelizes tempos! Reinaram nesse periodo fatal os principes mais detestaveis de que a historia faz menção. — Tiberio, Caligula, Claudio, e Nero, só imitados depois por Commodo, Domiciano, Caracalla, Heliogabalo! E no entanto, para me servir da expressão energica de Mr. de Champagny, cediam esses monstros a um impulso da sua posição, não irresistivel mas poderoso, natural e verdadeiro, com referencia á situação da humanidade naquelle seculo.

Infelizes tempos! Um homem de bem, o estoico Thraséa, dizia nos derradeiros instantes da sua vida ao joven Rusticus: — « Está terminada a minha existencia, não me desviarei já do caminho que segui sempre; mas tu, mancebo, começas agora a tua carreira — o teu futuro não está ainda arriscado, e por isso reflecte bem antes de escolheres o caminho que deves seguir em tempos como estes! Ha nas expressões deste homem, que está prestes a luctar com a morte, um não sei quê de pungente melancholia, que ainda hoje, depois que estas palavras atravessaram tantos seculos, nos abalam e impressionam profundamente. É porque ellas pintam de um modo admiravel o desalento, a desanimação do filosopho, que vê a corrupção do seu seculo, e tem perdido a esperança de que elle melhore, a não ser por um milagre da Providencia.

Esse milagre da Providencia, que melhorou, reformou, e purificou o mundo, foi o Christianismo — o Christianismo, complexo de crenças moralisadoras, thesouro de consolações, filosophia sublime que o filho do Eterno trouxe de presente á humanidade, escrava e corrompida.

Como fôra curioso confrontar agora a vida social, a vida de familia, a vida interior do tempo dos Cesares, com a vida social, de familia e interior, taes quaes o Christianismo as gerou e estabeleceu! Veriamos então como tudo mudou, como uma nova civilisação appareceu sobre a terra, dando uma nova tendencia aos direitos e aos deveres, e traçando aos governos e aos povos um procedimento de todo o ponto diverso do antigo: e tudo isto como consequencia immediata da religião de amor e de caridade prégada pelo Homem Deus!

Mas este quadro já tem sido desenhado por mais de um mestre, e eu mal poderia rastrear os seus sublimes delineamentos.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

CATHOLICOS CELEBRES.

I

Daniel O'Connell.

359 Entre as nações não ha nenhuma mais digna de piedade do que a catholica e malfadada Irlanda. Ha setecentos annos que soffre.

E essa terra, denominada outr'ora a ilha dos

Santos, tem sido sempre uma victima.

Os Irlandezes viram em tão largo espaço, a patria invadida, o seu Deus ultrajado, e os altares derribados.

Em todos os dias, em todos os seculos a Irlanda desceu pela spiral infinita das dores mais pungentes. No meiado do seculo XVIII, parece que tocava o fundo do abysmo. Já tinha tragado até ás fezes o calix da amargura. E havia 300 annos, como diz Grattan, que se podia seguir a triste Odyssea da desgraçada Irlanda, nos annaes parlamentares da Inglaterra, como se segue um ferido pelo rasto do sangue.

Apesar de tanto infortunio, a Irlanda não deixou de esperar, e de orar. Deus que attende sempre as preces dos martyres, permittiu que no horisonte carrancudo surgisse a aurora da esperança.

Do logar onde a Irlanda tinha soffrido mais, desse mesmo condado de Clare, onde correu o sangue dos martyres pelas ordens de Henrique VIII e Isabel, de Jacques I, de Cromwel e de Guilherme III, surgiu o homem mais extraordinario da nossa época, o homem, que, sem corôa, sem sceptro e sem soldados commandou as mais numerosas massas populares, o homem que por meio de uma só palavra, influiu em todo o paiz, e que viu reunidas por seu convite quatro ou cinco mil almas, desejosas de o ouvirem, e impacientes por lhe obedecerem. Todas as classes da sociedade comprehenderam por instincto, que nas palavras catholicas de Daniel se substanciava a salvação da Irlanda.

Não bastavam as cidades para essas maravilhosas reuniões; e, á similhança de S. Bernardo e de Pedro o Ermita, prégava no meio de vastas campinas. A Irlanda encarnou-se neste homem. Vivia da sua vida. A voz de O'Connell ficava transportada de indignação, ou dominada pela esperança. E essa voz poderosa sumiu-se no tumulo, não se tornará a ouvir! Tal é o destino do homem! A noticia da sua morte, foi como um raio fusilando no meio das povoações pallidas, fracas e famintas!

Quando constou, nos logares onde a fome fazia mais estragos, que Daniel tinha partido para Roma, e que em breve o defensor dos catholicos estaria na presença do vigario de Jesu Christo, um raio de esperança e de alegria mitigou os os horrores da miseria.

E quando os sacerdotes annunciaram que íam orar pela saude do illustre perigrino, que se dirigia ao tumulo dos Apostolos, muitos desgraçados, faltos de forças se levantaram das hervas secas que lhes serviam de cama nas pobres cabanas, e foram de rastos até ao templo! Chegados a muito custo perto do altar, ajoelharam como fantasmas, e oraram pelo seu libertador.

Todos esperavam grandes resultados de uma conferencia entre o principe da Egreja e Daniel O'Connell.

O Pai commum dos fieis, nunca podia ouvir, com mais verdade e eloquencia, a descripção do misero estado em que vivem sete milhões de catholicos.

[Extrahido de la Tribune Sainte.]

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

1 a 16 de Abril.

DIARIO N.º 77.

360 Mappa resumido do desenvolvimento das obras das estradas do Reino com referencia ao 4.º trimestre de 1850.

DITO N.º 80.

Resposta do Consul Geral nas provincias do Norte da Hispanha aos quesitos da circular de 9 de Abril de 1850, ácerca de assumptos commerciaes.

DITO N.º 81.

Auto de amortisação da Junta do Credito Publico de varios papeis de credito com juro, na importancia de 111:577$757 réis.

Dito de varios papeis de credito sem juro na importancia de 1 154:006$182 réis.

Dito de papel-moeda no valor de 2:174$200 réis.

Dito de divida externa no valor de 18:696$577 réis.

Dito de amortisação de notas no valor de réis 70:479$600.

DITO N.º 82.

Resumo do activo e passivo do Banco de Portugal em 31 de Março de 1851.

DITO N.º 83.

Resumo do activo e passivo do Banco commercial do Porto em 31 de Março de 1851.

DITO N.º 85.

Resposta do Vice-consulado geral de Riga aos quesitos da circular de 9 de Abril de 1850, ácerca de assumptos commerciaes.

DITO N.º 90.

GUILHERME I — Cardeal Patriarcha de Lisboa. — A todos os Nossos Subditos, Saude, Paz e Benção em Jesus Christo.

Fazemos saber, que, usando da faculdade concedida pelo Breve *Salvator Noster*, de 25 de Novembro de 1845, Temos resolvido dar a Benção Papal com Indulgencia Plenaria no proximo Domingo de Pascoa, em que esperamos, com ajuda de Deus, celebrar Missa Pontifical na Nossa Sé Patriarchal. — Exhortamos pois os Nossos Amados Subditos, a que procurem aproveitar-se desta Graça Apostolica, concorrendo verdadeiramente contrictos e justificados pelo Sacramento da Penitencia, e dignamente dispostos com a Sagrada Communhão a receber humilde e devotamente a Santa Benção, Absolvição e Indulgencia Plenaria, dirigindo a Deus fervorosas preces pela vida, saude e prosperidades do Soberano Pontifice, de Suas Magestades, do Principe, e de toda a Real Familia — pela paz e concordia dos Principes Christãos — pela exaltação da Santa Fé Catholica — pela paz, tranquillidade, e prosperidade destes Reinos — e pelo bem espiritual e temporal da Santa Egreja de Lisboa. — E as pessoas existentes nas clausuras religiosas — detidas nas prisões — ou por qualquer justo motivo impedidas de concorrer á Sé Patriarchal, gosarão tambem deste beneficio, se com as referidas disposições fizerem as mesmas preces, e humilhadas, como se estivessem presentes, receberem a Santa Benção, quando o Castello de S. Jorge, com as salvas do costume, der os signaes para a preparação e recepção da mesma Benção. Dado em S. Vicente, sob Nosso Signal e Sello, aos 12 de Abril de 1851. — *G.*, Cardeal Patriarcha. — Logar do Sello. — *Joaquim Moreira Pinto.*

LIVROS DA MISSA.

361 É digna de ver-se a riquissima e variadas colleções de livros de missa que possue o Sr. Silva com — Livraria na Praça de D. Pedro. As edições são das mais nitidas dos prélos francezes, as estampas mui perfeitas no desenho e na gravura, e as illuminuras de rico e aprimorado gosto. As encadernações são em genero novo e algumas riquissimas; sendo algumas ornadas com bellas esculpturas em marfim e outras com finas pinturas. Desde 720 até 24$000 réis não se póde desejar um sortimento mais completo nem mais digno de ser visto.

CAZAS DE ASYLO DA INFANCIA DESVALIDA.

Exposição Philantropica.

362 A Commissão encarregada de levar a effeito uma Exposição a beneficio das Cazas de Azylo da Infancia Desvalida, continua a receber os objectos de curiosidade e galanteria destinados a servirem de premios á loteria que hade extrahir-se por occasião da mesma Exposição, e roga ás Senhoras residentes nesta capital que tem destinado as suas dadivas para tão benefica applicação, se dignem mandal-as entregar a caza de qualquer dos membros da Commissão; esperando que será numerosa a concorrencia, a fim de se colherem as maiores vantagens deste pensamento de caridade e beneficencia.

Lisboa 14 de Abril de 1851.

Marqueza de Fronteira.
Condessa de Rio Maior.
Condessa de Lavradio.
Duqueza da Terceira.
M. A. Vianna Pedra.
Secretaria.

A COMMUNHÃO DOS PRESOS.

363 A 15 do corrente se celebrou na cadêa da cidade a — Communhão dos presos com o respeito e a austera solemnidade, que este Augusto Sacramento inspira, mormente em logar em que as consolações da egreja e o arrependimento da contricção se carecem como sendo o verdadeiro e o unico pão do espirito.

A cadêa da cidade foi por esta occasião visitada por muitas pessoas a quem o Sr. Procurador Regio fez a honra de dirigir convites, e por todas foram vistos os importantes e muitos melhoramentos feitos no edificio e no systema que o regula como cadêa.

O Sr. Forjaz merece os maiores louvores pelo seu zelo incansavel e pelo espirito christão com que sabe desempenhar os rigorosos deveres do seu cargo. A cadêa que já muito devia aos Srs. Procuradores Regios, Netto e Guimarães, está vantajosamente continuando a sua transformação com a intelligente e proveitosa administração do Sr. Forjaz.

REPARAÇÃO DA SÉ DE PARIS.

364 As vidraças coradas da nova sachristia de Notre-Dame de Paris foram collocadas no principio do corrente abril. Representam a chronologia completa dos bispos e arcebispos da egreja metropolitana da capital da França desde S. Landry que vivia em tempo de Carlos Magno até M. Affre, morto nas barricadas: n'um dos repartimentos vê-se este illustre prelado no leito da morte, as feições estão summamente parecidas.

Estas vidraças são obra de M. Marechal, de Metz. N'um corredor proximo, outra serie de vidraças, fabricadas em Paris, appresenta a historia da vida de Santa Genoveva. Uma pequena escada em caracol conduz ao thesouro da cathedral: ha uma capella privada para o arcebispo; tudo aquecido por um calorifero.

A nova sachristia custou um milhão de francos. A restauração total de Notre-Dame deve custar ainda nove milhões: tres já foram consumidos só pelos botaréus que foi necessario reconstruir. Será concluida a Santa Capella. Resta terminar os carneiros e a capella subterranea onde repousam os corpos dos antigos conegos.